



Gaiato



**PORTE
PAGO**

Quinzenário • 12 de Janeiro de 1991 • Ano XLVII — Nº 1222 — Preço 20\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

Cinquenta e um anos

NASCEU há 51 anos. Ao longo de cada um, vamos dando conta do que é a Obra da Rua. Pai Américo, que lhe serviu de berço, identificou-se com ela a ponto de lhe dar o seu nome — Obra da Rua ou Obra do Padre Américo. Assim é conhecida no livro oficial dos registos.

«A Obra da Rua não é o nome de um livro, mas sim a acção estuante de um sacerdote, que deliberadamente se quis tornar pobre, para mais proficuamente acudir ao Pobre, porquanto, no apostolado divino, a preocupação de dinheiro é embargo permanente» — escreveu Pai Américo. Por isso, em cada ano que passa vai-se revelando, não pelos relatórios frios dos números, mas pela acção ora escondida ora dando mais nas vistas que a candeia é para colocar sobre o alqueire.

A acção comunitária da Obra da Rua marca-a com o sinal do fermento que tem como limites da sua missão o levedar a massa toda. O dinamismo de que é portadora projecta-a para além dum grupo, dum estrato social ou cultural a fim de atingir o homem todo.

Revela-se, deste modo, como o espaço de reconciliação da pessoa consigo mesma, com os outros e com Deus. É verdade. Afirmamo-lo a partir da experiência que colhemos diariamente na correspondência que nos chega; no carinho manifestado de tantas e tão variadas maneiras; no encontro com a multidão de gente, ao longo do ano; na resposta pronta e espontânea aos apelos lançados. Pessoas de todas as idades e posições sociais, de formação e credo diferentes, são apanhadas pela corrente de vida que circula na Obra da Rua. Por isso, o seu projecto não tem limites.

No limiar de mais um ano de vida da Obra da Rua, poisamos o olhar nos seus ramos e suplicamos:

Que as Casas do Gaiato sejam sempre e cada vez mais a Casa de família. Que todos, de dentro e de fora, entendam e ajudem.

Cada um tome conta do lugar que lhe pertence. Surjam os apaixonados: padres, senhoras e rapazes. A estes dizemos que não deixem morrer a generosidade, a valentia e a perseverança. Há sectores da vida das Casas do Gaiato que, por força da natureza da Obra da Rua, devem ser ocupados por eles, depois de feita a devida preparação. A estabilidade da Comunidade, com o seu crescimento equilibrado, passa por eles.

A acção das Casas do Gaiato junto dos rapazes seja continuada com novo impulso pela Associação dos Antigos Gaiatos. As características de cada zona onde as Casas estão implantadas não sejam impedimento a uma visão universal da Obra, de modo a que todos os rapazes se sintam seus filhos e, entre si, se vejam como irmãos. Que os passos dados neste sentido sejam retomados até ao fim. Aos que mais se têm empenhado nesta tarefa que é, de verdade, da Obra da Rua, a nossa gratidão.



Casa do Gaiato de Miranda do Corvo — berço da Obra da Rua.

POBRES

Muito se tem falado e escrito, em nossos dias, dos Pobres. Só que não se lhes quer dar o nome próprio: Pobres. Em vez dele, os técnicos, os articulistas e outros dizem e escrevem *Carenciados*, *desfavorecidos*, etc. De tal modo assim é que a palavra entra no discurso de circunstância como entra na acção dos que se dedicam a cuidar deles.

Independentemente do que possam dizer as ciências humanas, a palavra Pobre não tem substituto com tanta riqueza como ela. Quer-me parecer que o espírito do século, como a moda, também anda metido ou quer intrrometer-se em campo tão sagrado como é o Pobre.

— Porque existem os Pobres de que as pessoas têm medo de falar?

— Porque faltam os Pobres de coração.

— Porquê tanta injustiça?

— Porque faltam os Pobres de coração.

— Porquê tantas famílias em barracas — famílias pobres?

— Porque faltam os Pobres de coração.

— Porquê a palavra Pobre é humilhante?

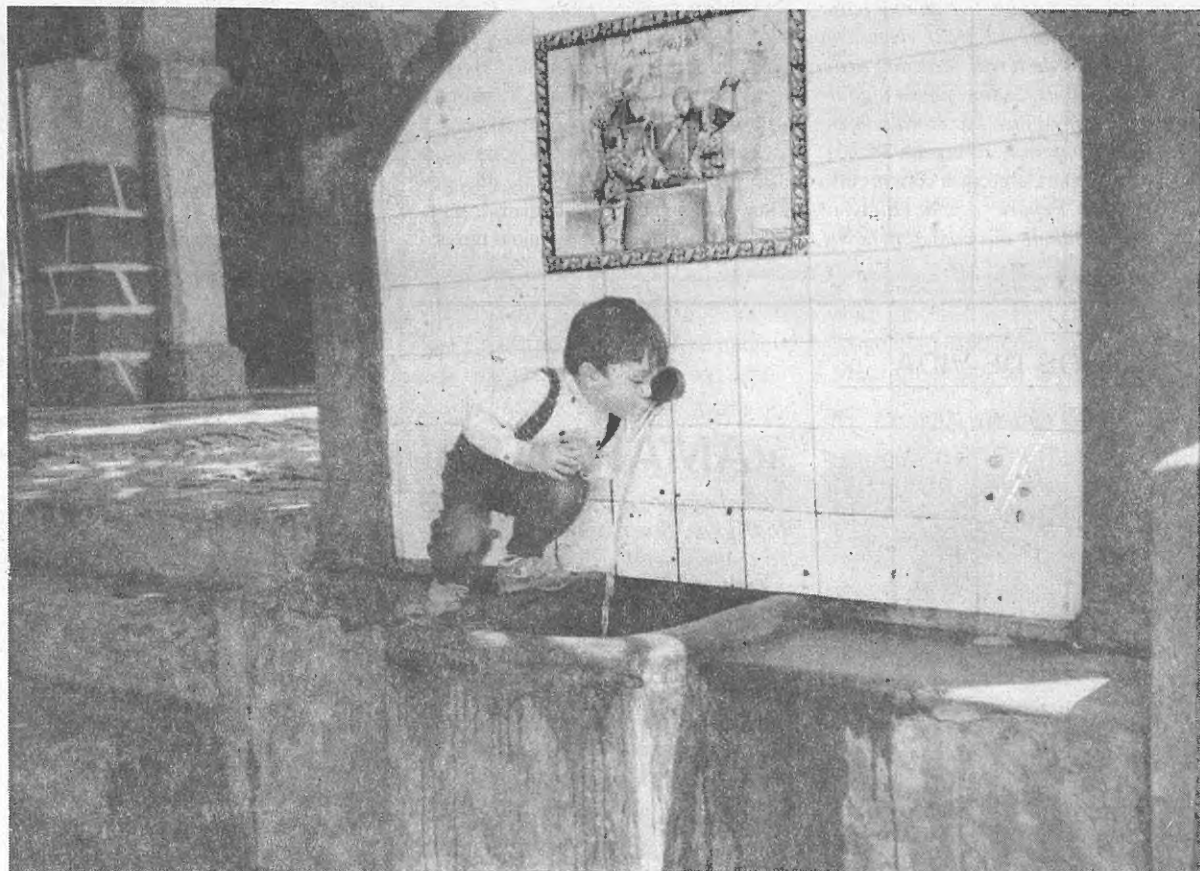
— Porque não somos Pobres de coração.

A experiência ainda muito viva, a que estamos a fazer nesta quadra de Natal, em que vou redigindo esta nota, leva-me a perguntar:

Seria possível este ambiente de acolhimento em que estamos mergulhados se os Pobres não existissem?

Será alguma vez possível humanizar a comunidade dos homens a não ser pela conversão do coração à Pobreza do Sermão da Montanha?

Então, porque temos medo de ser Pobres?



Tantas crianças abandonadas com direito a beber a água viva nas Casas do Gaiato!

Continua na página 3

Continua na página 4

PELAS CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

IDOSOS — Não deixa de ser curioso citar esta notícia da CEE:

«A pirâmide etária europeia começou a inverter-se. A diminuição da natalidade e o crescimento da esperança de vida fazem com que a Comunidade conte actualmente com cerca de 100 milhões de pessoas idosas. A Comissão Europeia decidiu propor aos Doze um plano de acção destinado a identificar estratégias e a encorajar a solidariedade entre gerações e a participação dos idosos na vida sócio-económica. Este programa, dotado com 2,4 milhões de ecus (1 ECU = + ou - 180 Escudos) nos dois primeiros anos, recebeu recentemente luz verde dos Doze.

Antes de mais, será efectuado um conjunto de estudos que permitam detectar tanto os problemas económicos colocados pelo envelhecimento da população (custos sociais, incidência no mercado de trabalho), como os problemas práticos que se colocam diariamente às pessoas idosas (alojamentos, transportes, turismo, cuidados médicos ao domicílio, etc...). A Comissão examinará também as acções desenvolvidas nos vários Estados-membros para reforçar a solidariedade entre as várias gerações (formação dos jovens) e desenvolver novos serviços para as pessoas idosas, como por exemplo, serviços ao domicílio de refeições, limpeza, compras ou de acompanhamento social.

As informações recolhidas serão centralizadas num banco de dados a que deverão ter acesso não só as autoridades públicas, mas também as organizações representativas dos idosos. Será assim possível estar permanentemente a par das acções desenvolvidas para estas pessoas nos vários Estados-membros e trocar informações sobre as iniciativas mais interessantes. O objectivo a longo prazo é a criação de uma verdadeira rede europeia de experiências inovadoras.»

PARTILHA — A reconstrução da «casa do Xai-Xai» vai com lentidão, mas caminha para o fim. O mestre d'obras pediu algo mais por conta e comunica: «Andam lá, agora, o trolha e o electricista...».

Para esta obra recebemos cinco contos da assinante 23370, do Porto; dez, da assinante 29271; e mil, da assinante 4589. Viva o Porto!

A consoada de Natal, dos Pobres, não passou despercebida aos nossos leitores. Presenças: Assinante 35019, de Lisboa; assinante 26724, de Cantanhede: «basta só uma referência n'O GAIATO»; assinante 52663, do Furadouro, por intenção do filho; assinante 13093, da capital: «já tive Natais muito pobres, depois de vir de Angola e como agora a situação aliviou um pouco, desejo de todo o coração melhorar a ceia duma família»; Maria Ermelinda, de Coimbra; assinante 14802, de Rana: «é pouco... mas sou viúva e vivo da minha reforma».

Já que falamos da Viuvez, aqui temos alguns samaritanos dando a mão àqueles mães que tanto sofrem, pela falta dos seus maridos — que Deus levou: Assinante 27518, de Carregal do Sal; assinante 9792, de Guimarães; e assinante 52736, de Aveiro, com cinco mil escudos: «Oferta de minha mãe, que é

pensionista, e gosta muito de ler O GAIATO. Foi através duma notícia — da vossa Conferência — que ficou informada de que as viúvas dos funcionários públicos tinham direito a uma pensão (isto já há anos). Então, sempre que fala nela, refere que a tem graças a uma notícia d'O GAIATO».

Das presenças mais habituais temos mil escudos, do Luso: «Como sou muito interessada, peço orações por um irmão muito querido». 3.500\$00, de Santa Cruz do Douro, «para um Autoconstrutor». Damos a mão a muitos deles! Dez mil, da assinante 20856, de Espinho: «2.º semestre de 1990». Dois mil, de «Eu-e-Ela», de Gondomar. Para Ela, boas melhoras! 500\$00, de Vilares (Vila Franca das Naves). O habitual cheque, muito abonado, da assinante 31104, pedindo, «como sempre, que rezem por mim». O valor da Oração!

Assinante 13440, de Vila Nova de Gaia, cinco contos. O dobro, do assinante 4498. Vários donativos da assinante 7769, do Porto. 1500\$00, da assinante 23387. Maria do Rosário manda dois mil e outros mil de pessoa amiga. Sobras de contas com O GAIATO, do assinante 4452, «que se encontra paralisado e com muita idade, mas dentro do possível quer continuar a contribuir». Perseverança! Nove mil, do assinante 24481, do Porto. 1500\$00, da assinante 8527, de Silvalde: «Aqui, nesta terra próspera, há imensas carências; situações de verdadeira miséria. É a pobreza «moderna», diferente nas causas de há trinta, quarenta anos, mas mais difícil de combater. Sou vicentina; portanto conheço de perto as mais angustiosas situações de tantos irmãos nossos, a quem nem sempre somos capazes de valer do ponto de vista moral, a maior parte das vezes a causa da pobreza em que caíram». Muito bem! Mil, da assinante 9059, de Coimbra. Quatro vezes mais, dum companheiro da extinta Escola Comercial Mouzinho da Silveira, do Porto. Belos tempos! Dois contos, do assinante 21042, de Barcelos, «destinados ao mais urgente ou mais necessário». Idem, da assinante 7186, de Albergaria-a-Velha: «Não sou rica, mas gostaria de ter uma casinha com quintal e o dinheiro não chega. Temos um andar pequenino, mas não gosto, pois toda a vida tive quintal para poder plantar flores. É triste viver sem um bocadinho de terra. Mas dou graças a Deus, pois, assim, posso ajudar os Outros com os juros da moradia que não posso comprar». Assinante 28285, da capital, separa algo, nas contas com O GAIATO, «para ajudar alguma maior necessidade da Conferência do

Santíssimo Nome de Jesus, de Paço de Sousa». 2500\$00, de Chaves. E mais cinco, da assinante 5241, de Peniche.

Em nome dos Pobres, muito obrigado. Retribuímos, com amizade, votos de santo Ano Novo.

Júlio Mendes

MIRANDA DO CORVO

AULAS — Após o primeiro período de aulas, vieram as férias de Natal que todos ansiavam; mas, por outro lado, saíram também os resultados finais que para a maioria não foram muito bons! No entanto, com a força de vontade de cada um de nós, as dificuldades serão ultrapassadas e os resultados melhorarão, se Deus quiser.

JARDIM — Finalmente, o novo jardim está pronto. Neca deu, à sua maneira, um visual moderno e acolhedor. Está composto por uns lindos painéis de azulejos representando cada Casa da Obra da Rua, a maior parte do espaço calcetado e rodeado de plantas e flores agradáveis à vista. Por fim, sobre um tronco de oliveira, um gaiato virado para o busto de Pai Américo.

BAPTISMO E PRIMEIRA COMUNHÃO — Preparámos alguns rapazes para receberem um sacramento, a fim de se sentirem unidos a Deus, no dia do aniversário da nossa Casa.

OBRAS — Neste momento estão paradas porque o pedreiro foi sujeito a uma intervenção cirúrgica. Esperamos que recupere depressa e desejamos-lhe as melhoras. Entretanto, estão a ser construídas as arcas congeladoras bem precisas para manter os alimentos frescos.

TROPA — Foi mais um cumprir o serviço militar: o «Pinóquio», com destino a Santarém. Esperamos que goste da missão.

Desejo a todos um bom Ano.

RETIRO EM FÁTIMA — De 20 a 22 de Dezembro, um grupo de rapazes de Miranda do Corvo estiveram em Retiro, sob a orientação do Padre Basílio que abordou vários temas: o Concílio Vaticano II e a vocação. Através deles tentámos descobrir quem somos, o nosso papel na sociedade, presente e futuro, e o nosso relacionamento com Jesus.

Quando se abordou Jesus, vimos que além de um ser humano como nós, deu a Sua vida por todos os homens e testemunhou que nos devemos ajudar uns aos

outros com amor, isto é, «amai-vos uns aos outros como Eu vos amei». Depois, reflectimos sobre o Concílio Vaticano II. Tendo sido convocado pelo Papa João XXIII, teve como objectivo renovar a Igreja, para haver maior participação dos cristãos: as Missas celebradas na língua do País respectivo, etc. Ficámos a perceber que todos somos chamados a transmitir a Palavra de Deus em qualquer lugar e a qualquer um.

Abordámos, também, a vocação em sentido lato. A missão que Deus nos deu para a pôr em prática. Finalmente, ouvimos uma gravação do discurso de João Paulo II, em Portugal, em 1982, afirmando que os jovens são a esperança do futuro da humanidade; e, por isso, temos que pôr em prática a nossa vocação.

Concluimos com esta mensagem: Não tenhamos medo de ser jovens, de ser cristãos. Somos o futuro e Jesus confia em nós.

Carlos Zé

TOJAL

FESTA — Pelo Natal, os nossos rapazes realizaram uma pequena recita, como já tínhamos anunciado. Foi um bom espectáculo! Daqui partiram ideias para uma Festa, durante o ano que ora começa.

ANIMAIS — Nasceu um par de vitelos, para dar alegria aos vaqueiros. Curiosamente, baptizaram-nos imediatamente: Laranja e Limão!

Para alegria da malta, uma ovelha também deu à luz dois cordeirinhos e, para completar o cenário natalício, a pequena cadela teve três caezinhos!

FUTEBOL — No dia de Nossa Senhora da Conceição, no mês passado, defrontámos um grupo de antigos gaiatos, do Tojal. Apesar dos muitos erros técnicos da nossa jovem equipa, empatámos 3-3.

Na semana seguinte, voltámos a jogar e tornámos a empatar 3-3.

OFICINAS — Estão todas a funcionar. Há momentos de grande aperto de serviço, mas, noutros, as máquinas estão paradas — por falta de trabalho.

Entre a vasta gama de leitores do Famoso, quem precisará de mandar executar serviços de tipografia, carpintaria ou serralharia? Estamos às ordens. Aguardamos as vossas encomendas. Obrigado.

Luís Miguel Fontes

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — No início do mês de Dezembro reunimos para que, juntos, pudessemos encontrar a melhor maneira de distribuir as ofertas dos nossos Amigos.

IMPORTANTE

Sempre que o Leitor escreva para as nossas Casas — por mor d'O GAIATO ou de livros da Editorial — faça o favor de indicar o número da assinatura e o nome e endereço em que recebe as nossas edições.

RETALHOS DE VIDA



«AMARANTE»

Chamo-me Luís Miguel Mesquita Rodrigues. Sou mais conhecido, entre a malta, por «Amarante».

Vivia no lugar de Vila Chã, em Amarante.

Quando a minha tia me perguntou se queria vir para a Casa do Gaiato, respondi logo: — Quero! Agora, estou bem melhor no meu comportamento e no falar com as pessoas... Reconheço que já me emendei de muitas coisas, graças a Deus.

Quando for grande, desejarei ser mecânico.

Luís Miguel

Depois de muitas contas feitas concluímos que havia pouco pão para tantas bocas, visto estarmos a ajudar vinte famílias, todos os meses, e algumas que aparecem avulso. Mas, como a boa vontade faz milagres, conseguimos que todos tivessem mais um mês de mercearia, brinquedos para todas as crianças — que tantas são — e, ainda, cada vicentino levou três mil escudos para lhes comprar uns miminhos.

Até aqui, tudo bem; mas, a partir de Janeiro, os pequenos continuarão a reclamar o pão a que têm direito...

Ora, o Natal para o cristão é todos os dias. Por isso, e com a vossa generosidade, conseguiremos, no próximo ano, poder voltar a dizer: Missão cumprida, Senhor!

Campanha tenha o seu Pobre — Anónimo, «por alma dos seus mortos», 1000\$00; assinante 3359, 1.000\$00; mais mil, da assinante 10770; Maria Luísa, 5.000\$00; de Bernardete, 10.000\$00; de Fiães, oito mil escudos; anónimo, 2000\$00; Monte Gordo, «por alma do pai», 1000\$00; 2500\$00, de um anónimo; 2000\$00, de Adelaide; anónima, 1000\$00; anónimo, 7000\$00; M. Silva, 500\$00; assinante 14590 manda 1000\$00; da sempre amiga Leonilde, 10.000\$00 e, com muita amizade em Cristo, retribuímos as suas palavras, sempre cheias de conteúdo.

Muito obrigado a todos.

Uma vicentina

PAÇO DE SOUSA

AGRADECIMENTO — Muitas pessoas ofereceram valiosas prendas para que a nossa Comunidade — sobretudo os mais pequeninos — tivesse boas festas. Toda a gente gostou e apreciou a generosidade dos nossos Amigos.

CIRCO — O Governo Civil do Porto convidou os «Batatinhas» para assistirem a uma sessão de circo na vasta sala do Coliseu do Porto, já nossa familiar. Alguns foram na quarta, outros na quinta-feira (26 e 27 de Dezembro).

ANO NOVO — É sempre uma festa muito agradável! Alguns rapazes foram à casa dos familiares; outros, ficaram por cá (a maior parte não tem família ou é, de facto, muito destroçada...).

Os meus votos: que todos tenham entrado com o pé direito em 1991.

CARAS NOVAS — Recebemos mais um irmão! Chama-se João Miguel. Tem onze anos. Frequenta a quarta-idade da Instrução Primária. Deus lhe dê um bom futuro.

DESPORTO — O nosso Grupo Desportivo precisa de chuteiras e equipamento. Fica o recado para os nossos leitores, com um antecipado muito obrigado.

REGRESSO — Após oito meses de ausência... o «Cebolinha» voltou ao seio da sua família — a Casa do Gaiato. Aliás, estava ansioso por regressar. Pois que daqui em diante tudo corra bem, são os nossos votos.

Artur

Cinquenta e um anos

Continuação da página 1

Como pode haver acção se não houver agentes? Deixamos o apelo: Não se feche o coração de ninguém à voz do Senhor. E, agora, mais um pedaço de Pai Américo:

«A rua é o campo social onde mais eficazmente se pode trabalhar; ali, passam todas as modalidades da miséria e da perversão das almas.

O apóstolo das ruas descobre no porte dos viandantes tragédias de vida, exactamente como o artista enxerga beleza nos caminhos onde os mais passam, sem darem fé de nada.

O apóstolo da rua é, ele mesmo, o inspirador, o criador, o realizador da sua arte. Às escondidas, como quem olha montras ou conversa descuidado, ele pinta quadros de beleza, na tela dos desabafos: — Ai,

padre, tire-me do mundo! Sim; na rua, há desabafos desta sorte. Cristo Jesus entrava nas casas e nas sinagogas, mas a sua acção principal era toda na rua, *in loco campestri*.»

A Obra da Rua, tão desejada e amada, nasceu na rua: «Foi no Beco do Moreno...»

No ano que passou veio o Padre João Rosa que foi servir na Casa do Gaiato de Setúbal. Oxalá não demore a levantar a voz neste púlpito — O GAIATO. Foi a prenda que a Mãe deu à sua filha, que a Obra da Rua não é órfã, tem mãe — a Mãe Igreja.

Sabemos doutros padres que estão a sofrer também as dores dos Pobres. Motivo de muita esperança que queremos compartilhar. Enquanto assim acontecer, é sinal de que o Evangelho não é letra

morta; de que Jesus Cristo está no meio de nós; de que a Igreja é verdadeira.

Dois dias antes do Natal, fui dar uma volta pelos Pobres numa paróquia. O pároco levou-me pela mão. Que felicidade quando temos estes cireneus! Ajudamo-nos. A Obra da Rua ajuda, cumprindo a sua vocação. O padre é ajudado a cumprir a sua. Tudo certo. Encontrámos uma família que vivia assim: num compartimento todo esburacado por cima, por baixo e pelos lados (não estou a exagerar, quem quiser ver, venha), vivia uma mulher que é mãe de 7 filhos, meninos e meninas. Todos amontoados. Não descansamos mais: nem ele nem eu. Começámos, naquela hora do dia, a sentir o frio e a miséria daquela gente na nossa casa e na nossa cama bem aconchegadas.

Espero voltar, dentro de dias, até que o problema esteja resolvido. E ficará. O padre da rua encontra na rua «todas as modalidades da miséria e da perversão das almas».

Se os padres são necessários para que a Obra viva e cresça, as senhoras também o são. Sabem-no bem aquelas que vão passando pelas Casas do Gaiato e se vão. Há sempre quem fique à espera e chore. Sim, chore até que chegue a hora da decisão. Não estranhem aquelas que nos conhecem, se descermos à rua e subirmos os degraus da sua casa ou do seu emprego e dissermos a alguma delas que, nesta hora, é prioritário que venha. Aqui fica o recado.

Padre Manuel António

Associação dos Antigos Gaiatos do Norte

UMA FÚRIA LEGÍTIMA. Tanto lhe posso chamar «uma fúria legítima» como lhe poderia chamar «um brinquedo estragado». Sei é que gostava de saber e ser capaz de cativar-lhe o à-vontade e a confiança para ouvir da boca dele qual ou quais os sentimentos que o levaram a reagir daquela maneira. A Enfª Salazar tentava explicar-me: «Ele é assim. É uma criança muito difícil». Alheio a tais explicações, sempre fáceis (e banais!), eu tentava auscultar-lhe o porquê mais profundo, esse porquê que é a expressão da nossa verdade no momento em que reagimos agressivamente com os outros (e, às vezes até conosco!...).

O protagonista desta história é, de novo, o «Merendas». Naquele «almoço histórico» de que falei na quinzena passada, na sua espontaneidade ainda não educada, perguntou pela prenda para ele — já que lhe aparecia assim na sua *festa de anos*. Sorri. Expliquei que foi tudo à última hora, que não o conhecia, que não sabia o que ele queria e/ou precisava, que e que e que. Adiantei que, se não pedisse assim muito caro, eu teria muito gosto em lhe dar uma prenda. Com o mesmo à-vontade com que perguntou pela prenda, disse logo: «Eu quero uma garagem daquelas em que os carros entram e depois sobem e se metem assim uns para um lado e outros para o outro». Com os filhos já criados, os meus conhecimentos de brinquedos de crianças já não estão muito actualizados, mas logo me lembrei daquele brinquedo da Shell que muitos meninos receberam no dia de anos ou Festa de Natal das empresas. Pensei que a pretensão não era assim nada que eu não pudesse satisfazer e logo acrescentei: — Está bem. Diz aí à sra. Enfermeira onde é que isso se vende que ela compra-to e eu pago.

Hoje é, de novo, *dia-de-venda do Famoso*. Vou ao Lar e encontro o «Merendas». Pergunto pela prenda. Ao seu «ainda não tenho...», a Enfª

Salazar, que está perto a preparar a nossa Festa de Natal, faz-nos sinal que já tem ali. Vai buscar e chama o «Merendas». Começa a desembulhar e diz que *isto encaixa aqui e aquilo encaixa ali*, etc, etc. «Merendas» olha e não mostra grande encanto. Vai assistindo à montagem. Junto a nós está a Manela, uma professora que trabalha com meninos difíceis e que diz «gostava conhecer melhor a Obra»... Demos-lhe esta oportunidade.

O brinquedo não era novo. Tinha o cabo do elevador rebentado. Alguém ofereceu aquilo «para a Festa dos Gaiatos». Enfermeira Salazar, que esteve na organização da Festa, seleccionou-o para o «Merendas» como prenda minha, para eu não ter que *gastar*. Manela senta-se, pacientemente, com o garoto e tenta consertar a avaria. Depressa a coisa ficou a funcionar. Daí a nada passei pelo «Merendas» que, já com outros, fazia subir e descer alguns carrinhos que p'ráli havia. Pouco depois, o cabo volta a rebentar. Disparado como uma bala, «Merendas» vem onde eu era, pousa o brinquedo sobre a mesa e manda-me esta: «Pegue lá. Não presta...» Manela pega no brinquedo, diz que o leva para arranjar e depois lho traz. — *Não quero. Se mo traz eu parto-o todo. Faço-o aos bocadinhos. Assim...*

Eu fiquei-me a remoer. Enfermeira Salazar e Manela tentavam explicar-lhe o que, penso, para ele estava mais que explicado: *gozaram com ele...*

Quando deixámos o Lar, à porta, o «Merendas», que sempre nos seguia à distância, disse ainda: «Se mo traz eu parto-o todo...»

(...) Quem quiser explicar de outro jeito que explique. Eu explico-me assim: criámos naquela criança expectativas de um brinquedo novo. Demos-lhe um velho. Ferimos o seu eu! E ninguém gosta de ser ferido aí nessa parte de nós — que é sempre, toda a vida, o *melhor* e o *pior* de nós.

Ai os erros que nós cometemos julgando que fazemos bem!

Abel Magalhães

Tribuna de Coimbra

• Prendas de Natal. Foram muitas e boas. Todos tivemos. Foram variadas. Algumas, ao gosto de cada um. Um dos Amigos que veio trazer, desabafou: «É pena que o Natal para estas Casas não seja todos os meses».

Com a alegria destes dias também procurámos misturar a tristeza dos que sofrem. Visitámos alguns doentes. Procurámos dar alguma atenção aos que estão em guerra ou ameaçados por ela. Ligámos àqueles que não têm liberdade, nem pão, nem casa, nem nada. Acreditamos que Jesus Menino é irmão de todos os homens.

Uma das melhores prendas destes dias foi a presença e ajuda de duas senhoras, na cozinha. Vêm muitas vezes, mas nestes dias sentimos mais o calor de suas mãos e de seu coração. Outra prenda saborosa: Uma família de Lion, França, com muitos presentes, que trouxe uma menina de mês e meio. Um menino Jesus pequenino.

A nossa mesa, nestes dias, tem sido cheinha de coisas boas: comer feito

Que o problema da habitação seja agarrado pela raiz e se vá até onde for possível. Que em cada paróquia se crie um Fundo Social para a habitação, sobretudo onde mais se faz sentir a falta de casas. A Obra da Rua ajudará! Ele há tantas crianças abandonadas com direito a beber a água da vida nas Casas do Gaiato! Em Portugal, sim. A Obra da Rua, porém, com a sua vocação universal, iluminada pela Fé e movida pela Caridade, sente que deve estar onde faz mais falta. Moçambique chama, de novo, por ela. Conhecemos a situação miserável a exigir socorro tão depressa quanto possível. A Igreja local pediu. O Estado, também. A Obra da Rua quer relançar lá a sua actividade interrompida por razões exclusivamente de ordem política, há cerca de 15 anos. Quem vai? Que muito em breve vos posamos dar a boa notícia.

Angola espera, também. Notícias recentes falam da preocupação dos governantes e da Igreja pelo regresso da Obra da Rua. Oh, quem dera que, na hora da reconstrução de nações devastadas pela guerra, a nossa Obra estivesse presente como sinal de reconciliação; como testemunho e ajuda na busca de valores que devem estar presentes numa sociedade nova. Compartilhamos convosco este projecto no aniversário da Obra da Rua.

E o Calvário? Que seja um lugar de esperança para os que não têm nada nem ninguém a que se agarrem. O Calvário é a expressão mais delicada do Amor de Deus revelado através dos homens. Que sejamos sempre capazes de acolher este Amor ao longo deste ano. É um apelo.

Padre Manuel António

no nosso fogão; pão e broinhas cozidos no nosso forno; filhós fritas no tacho grande; um mundo de bolos-rei comandados pelo do Humberto; chocolates que vieram de longe e de perto; abóboras-meninas de família vizinha; um bolo grande, feito em pastelaria de V.N. de Famalicão; garrafas de vinho e champanhe; grades de sumos; duas caixas de bacalhau do «Faz-me-ri»; o Fernando veio de longe com cinquenta quilos de bolo. Mesa em festa de família.

• Estamos a acabar de celebrar os nossos cinquenta anos, cheios de maravilhas que o Senhor operou e em muitas nos fez participantes. Tem-nos dado muitos mimos, embora alguns também com gosto amargo. Bendito seja Ele. Vamos celebrar os cinquenta e um, com a Casa muito cheia e em obras. Com esperança e confiança, apesar do desgaste da vida e dos anos. O Senhor vai na barca e é bom timoneiro. É confiados no Seu Santíssimo Nome que vamos caminhando. Confiamos também nos homens de boa vontade. E desejamos mais um Ano muito feliz.

Padre Horácio

AGORA

Abre, hoje, um casal, agora em Santarém, que, não satisfeito com o muito que nos apoiava nos tempos de Benguela, envia um cheque «que gostava se destinasse à construção de casa para os sem casa».

«É um sonho que temos há muito» — acrescentam — «e só agora o podemos realizar, graças à venda de uma casa que nos coube em herança. Damos graças a Deus por isto e por ser neste momento em que o frio aperta. Obrigado pelo Evangelho vivido que nos traz sempre O GAIATO. E graças ao Senhor que um dia o pôs no nosso caminho e tanto nos deu por seu intermédio».

A caridade opera uma inversão de sentido nos conceitos do mundo. Quem age animado por Ele, dá... e agradece. Segue-se um sacerdote do Nordeste, com uma centena e a disponibilidade para prestar seus serviços aos nossos rapazes no domínio da orientação profissional.

Continuamos em Trás-os-Montes. Constantim: «Li ontem todo o último número d'O GAIATO que me encheu as medidas e comoveu até ao mais profundo desta minha alma desejosa, sim, de amar o único Amor — Deus».

A notícia de Setúbal fez-me vibrar e leva-me a contribuir com algo para a casa de três mil e quinhentos contos.

Não esqueço, de forma alguma, as duas Conferências Vicentinas. Peço para retirar dos duzentos e trinta contos o que entenderem e entreguem a cada uma delas.

E a causa da Santidade do Padre Américo — como vai? Pouco tenho ouvido falar dela em O GAIATO».

Tem razão! Mas também não havia muito que dizer. O pré-processo foi a Roma para o «nihil obstat» que veio há dias, bem mais cedo do que se esperava. Agora é a organização do processo propriamente dito com a nomeação do Tribunal que há-de ouvir as testemunhas. Certamente, em breve, haverá algo já a dizer.

Descemos a Albergaria-a-Velha. É o Braz com muitas lembranças para vários destinos entre os quais Autoconstrução. Igualmente do Porto, a Elvira e o Hígino.

Do mealheiro do Teatro Sá da Bandeira, 207.200\$00. E mais mil, para a Conferência do Lar do Porto.

O Arnaldo, de Braga, com 250 contos. A Maria Manuela, de Gaia, com cinquenta. O Joaquim, de Coimbra, que passou pela nossa Casa de Miranda do Corvo, dois, da sua pensão de reforma antecipada, «dando graças a Deus porque temos um teto, ainda que bastante antigo, mas que nos abriga, o que não acontece com muitos infelizes que nos são apresentados pelo Famoso».

O Mário, de Lisboa, com trinta. O «Zé dos Pobres», de Queluz, com dez. E a Maria José, de Tavira, com duzentos e «os bens que temos devem ser partilhados, por isso não espero agradecimento, a agradecida sou eu».

Continua na página 4

Notas do Tempo

• A quadra do Natal é tempo propício à expansão de sentimentos afectivos e nós fomos objecto de uma torrente deles. Bendito seja Deus! E digo torrente porquanto, implicando esta palavra uma noção de violência, nós a sentimos também na medida em que nos não achamos dignos de tanto. Nem falo da abundância dos dons, mas das legendas que quase sempre os acompanhavam, expressivas de uma amizade e de uma confiança que Deus nos ajude a merecer e nos dê forças para corresponder.

Na verdade é uma característica importante da Obra da Rua, esta componente da *Família de fora*, que reconhece, agradecida, o nosso esforço e o estímulo a viver em comunhão, ao sabor do Evangelho, de que o *Famoso* lhes é portador; e, por sua vez, nos alenta e compensa de semelhante reconhecimento que só a longo prazo recebemos da *Família de dentro*, mas que, em cada momento, experimentamos do carinho e dedicação que tantos dos nossos antigos nos demonstram. Deus que bem conhece a nossa fragilidade, sabe como a há-de ir tonificando; e, mediante esta parte da Família, providencia. A Ele todo o nosso louvor e acção de graças. Só Ele sabe quanto a continuidade da Obra da Rua é devida e o seu vigor explicável por este ser ela *Obra de todos, para todos, por todos* quantos a conhecem e amam de verdade.

• Nos dias de hoje, vinte e cinco anos após o *Vaticano II*, cem depois da *Rerum Novarum*, dói que ainda se procure solução de problemas de miséria passando uma carta

de mendigo. Infelizmente ainda assim acontece. E foi neste mês do Natal, que o «documento» e seu portador nos apareceu.

«Para os devidos efeitos, declaro que F. é órfão de pai e mãe e tem mais seis irmãos.»

F. é um homem de vinte e tantos anos, com aspecto de doente e, certamente, problemas sérios que se não resolvem com um auxílio eventual. Havia de ser a comunidade, que se supõe cristã, a assumir as carências de que sofre esta sua célula familiar e a procurar-lhe remédio. E se este excede a sua capacidade de resposta, a própria comunidade, representada por quem nela deve existir com missão sócio-caritativa, batera a outras portas em busca do auxílio necessário. Promover e alimentar a mendicidade, isso é que não. Foi o recado que mandámos a quem assinou e carimbou o «documento», dizendo da nossa disponibilidade para ajudar, mas uma ajuda concertada entre a comunidade e nós, que possa resolver alguma coisa, hoje, amanhã... até não ser mais precisa.

Ficámos à espera. Continuamos esperando. Pior é que, provavelmente, continuam esperando F. e os seus irmãos.

«Cada freguesia cuide dos seus Pobres» — uma receita tão simples, tão evangélica, que Pai Américo formulou há quatro dezenas de anos e o Apóstolo S. Tiago há perto de dois mil anos quando escreveu que «a religião verdadeira consiste em visitar os órfãos e as viúvas». Tão simples, tão evangélica e ainda não chegou a esta e tantas comunidades que se supõem cristãs!

Padre Carlos

• Teve pontos altos e baixos este Natal. Aqui vos deixo.

Primeiro, o Jorge:

Nhóra, aprendeu ele a dizer em casa da senhora que o recolheu. Antes vivia numa pobre barraca sem luz e sem linguagem... Quase não falava. Veio, a seguir, para nossa Casa e em dois meses o botão, cercadinho de espinhos, abriu em rosa. O contacto com os outros, o ambiente de família e sua própria ânsia de «ser» fizeram o milagre.

E veio o Natal! O primeiro grupo que nos visitou ofereceu ao Jorge um relógio de plástico com ponteiros brilhantes. Foi um sucesso! Mostrou-o a todos, em ar de triunfo. Tão feliz no gesto de mostrar a sua riqueza!

No dia seguinte, a festa na escola. Elc exibindo sempre! A professora que lhe entregou um presentinho tinha seu filho ao colo. O nosso Jorge, num gesto de ternura, tirou o relógio e ofereceu-o ao menino!

Este gesto simples e amoroso fez-me descer à profundidade do Presépio.

• É uma linda menina de dez anos de idade. Os pais separaram-se. Como são família «bem» e de muitas posses, suas avós tomaram conta e, cada qual procura conquistar-lhe o coração. É uma corrida com brinquedos, todas as vontades satisfeitas e mimos sem conta. Atendidos todos os seus passos, aprendeu a exigir batendo o pé... Caprichos são ordens! Não se pode embaciar a linda boneca de cristal!

Há dias, uma das avós, ao assistir ao trabalho dum dos nossos rapazes de doze anos, cuja ocupação é a dobragem e distribuição da roupa dos companheiros, abriu com mágoa o seu coração. E falou... Falou de sua neta: De como ela deixa a roupa e os brinquedos espalhados pela casa. De como ela é egoísta e má.

PARTILHANDO

Digo que é, também, este o drama de tantos pais. Dar e fazer tudo aos filhos sem nada lhes exigir.

Quão diferente num casal amigo...: Os filhos tratam de suas coisas e ajudam, todos os dias, os pais no arranjo da casa e lavagem das louças. Como esta lição quotidiana foi fácil passar ao sentido universal do amor fraterno.

• Dar tudo o que o filho pretende e pede, não é educar. É mais falta de senso, deseducar e, o mais grave, plantar na alma dos filhos a árvore do egoísmo. As raízes fundas do imbondeiro rebentaram tudo. Famílias que hoje carregam uma cruz pesada...

Todos os dias o Príncipezinho varria o seu pequeno planeta... Sabia o que aconteceria se uma só semente germinasse: As raízes tomariam conta.

Muitos pais não varrem. Antes, para cúmulo, plantam imbondeiros no coração dos filhos. Estes, ou viram costas e vão, ou roubam a paz do lar e tornam-se fonte de preocupações e dor.

Casal amigo confessou, e não se importa que o revele, a preocupação com o comportamento de sua filha: Tem, hoje, quinze anos e aos doze, nos sábados, acordava por um despertador para assistir ao filme «pela noite dentro» — quase sempre de sexo e violência. Os pais sabiam, mas não tiveram forças para contrariar a menina. Demitiram-se. Hoje, lamentam a demissão.

Oitenta por cento dos pais, educadores, escolas e instituições são unânimes em concordar na demissão, quase colectiva, no acto e sistemas de educar. Muito grave... A Juventude acusa já a nossa incapacidade.

Estamos sempre a tempo, porém, de regressarmos a novos caminhos, onde a ordem e a disciplina convivam com a tolerância e o amor.

Padre Telmo

AGORA

Continuação da página 3

Assim demos num instante uma volta a Portugal. E vamos continuá-la com a passagem dos habitualmente presentes nesta coluna.

M. M. por quarto vezes, com a sua «migalhinha» para a *Casa da Paz*. M M-AL, com duzentos e o silêncio de sempre. J. P. R., com «uma pedra» de trinta. A Maria Isaura, com «a mensalidade» de 3.000\$00. Com igual quantia o assinante 36037, de Aguiar da Beira, mais 5.000\$00 de outra vez.

Guimarães pelas mãos de Fernando, quinhentos para a *Casa Padre Cruz*. A Dr.^a Felicidade, de Lisboa, sempre com vinte, o mesmo da Camila, de Erme-sinde. As «três mosqueiteiras» da Força Aérea com a migalhinha habitual.

M + M, vinte; e M. L., trinta, «pequeninas areias» referentes a Novembro e a Dezembro. Scis, da «Portuense qualquer». E quatro, da Lígia, de Fiães.

A oração que quase todos nos pedem como única moeda de troca, nós a dirigimos ao Senhor. Mas a mais valia está, com certeza, neste segredo humilde que é, afinal, mérito de cada um.

Padre Carlos

POBRES

Continuação da página 1

Não será porque com as nossas acções e omissões criamos o mundo dos pobres que nem sequer podem sê-lo porque são miseráveis?

Não vamos substituir o nome; vamos, sim, restituir-lhe a dignidade que lhe pertence e que está na origem. Deus é Pobre porque deu tudo; e deu-Se para que a humanidade partilhasse da Sua riqueza. Só o Pobre acolhe o dom do Pobre. Só o Pobre é capaz de amar. Só o Pobre é capaz de partilhar o que tem e o que é. O mundo necessita dos Pobres. Por isso, «tê-los-eis sempre...».

Nas suas visitas ao Barredo, Pai Américo encontrava-se com heróis e santos. Os Pobres olham e tratam assim os Pobres. Este é o caminho certo, único, da libertação.

Parece-me que a mentalidade tecnicista e ideológica esvazia e perverte o significado incómodo que o nome Pobre tem. Daí o arrumá-lo do dicionário da vida.

Duma vez, ao telefone, uma senhora muito afrita perguntou se existiam, de verdade, pobres em Portugal. Estava incomodada e perplexa com o que se dizia de determinada zona do País. Não será o Pobre um agulhão permanente a questionar a nossa vida? Esta senhora incomodar-se-ia tanto se em vez dos Pobres aparecessem os carenciados, desfavorecidos...?

Não troquemos o Livro pelos livros.

Padre Manuel António

Padre Manuel Cristóvão

ENCONTROS

EM LISBOA

Encontramos, com demasiada frequência, situações de pobreza onde tudo falta ou tudo faltou. São, por vezes, gerações sucessivas que reproduzem a miséria. Homens, mulheres, crianças e jovens deixam-se apanhar nas garras desta pobreza a que podemos chamar de crónica, sem perspectivas de uma saída. Actualmente faz parte dos nossos esquemas de pensamento a mentalidade de que a pobreza e a miséria serão completamente erradicadas com o progresso económico. Não desconhecendo alguma verdade na afirmação, parece-me que ela esconde outra verdade: uma franja significativa da população encontra-se incapaz de embarcar no tal comboio do progresso.

Um caso tirado ao acaso e que parece significativo: Homem com 31 anos. Não fez sequer a terceira classe. Viveu até se juntar com a actual companheira numa barraca. Nem higiene, nem alimentação

convenientes, nem hábitos de trabalho. Diz que gosta de trabalhar, mas não consegue contratos que ultrapassem os seis meses; é sempre despedido. A mulher, com 29 anos, frequentou a escola, de vez em quando, mal sabendo assinar o nome. Não consegue arranjar emprego. Horas de limpeza, também de vez em quando, mas é logo mandada embora. Até se juntar com o homem, aos 18 anos, viveu situação idêntica à dele. Duas filhas. Uma, de nove, e outra, de quatro anos. A mais velha não frequenta a escola porque não tem sítio certo para viver. Vivem, ora na pensão, quando têm trabalho, ora no vão das escadas, ora nesta ou naquela barraca, até alguém a reclamar. (É que os direitos à barraca reclamam-se como na sociedade das habitações humanas.)

Que fazer com uma situação assim? Como parar esta reprodução da pobreza? Por muito progresso que venha, estes casos ficarão sempre no apadeiro sem poderem embarcar. Falta o capital inicial para se poderem lançar. É gente esfrangalhada interiormente, destrocada, onde apenas existe o

sonho irrealista e inconsequente.

Fui, com duas pessoas diferentes, visitar casas semelhantes. Verifiquei também que houve atitudes e, certamente, as consequências também serão diferentes.

Num dos casos face ao caos geral, foi o abrir da torneira discursiva. Falou de higiene, civilidade, educação, moral, etc. Ouvi e perguntava-me pela eficácia. Coisas naturais que a gente põe em prática e parece que nunca aprendeu, apareciam ali deslocadas. Não havia cabeça, coração, sentimento capaz de apanhar aquilo tudo. Voltadas as costas tudo ficaria exactamente igual, apesar de durante todo o tempo ter havido um acenar de cabeça afirmativo e compreensivo. O nosso mundo e o da pobreza-miséria são mundos com a comunicação bloqueada.

No outro caso deparei com o mesmo caos. Quem me acompanhava discursou. Começou um diálogo: — Onde se pode pôr isto? Durante quase uma hora foi grande a movimentação. As coisas tiveram direito a um lugar, outras ficaram de cara lavada e, no fim, já havia espaço para nos sentarmos. De regresso,

ouvi o comentário: «Faço isto várias vezes por semana. O progresso é muito lento. Não têm nem gosto nem vontade de saber. São como criancinhas a quem é preciso ensinar tudo. Dizem que é paternalismo. Não me interessa. Adopto um ou dois casos de cada vez e vou caminhando com eles».

Pensei nas comunidades cristãs. São o próximo destas situações de miséria-pobreza. Muito poderia ser feito se a comunidade adoptasse estas situações e se tornasse pai, mãe, irmão, irmã dos Pobres que vivem na sua área. Talvez assim houvesse a possibilidade de todos se poderem sentar à mesa da dignidade.



Gaicato

Director: Padre Manuel António — Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Adm.: Casa do Gaicato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel — Tel. (055) 752285
Fotocomp. e imp. offset: Escalas Gráficas da Casa do Gaicato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel — Cont. 500788898

Depósito Legal n.º 1239

Tiragem média, por edição, durante o mês de Dezembro: 74.333 exemplares.